

A prova do tradutor*

José Almino

EU ACHO QUE A PRIMEIRA COISA QUE procuro são as vozes. Muito mais do que a aparência dos personagens e o desenho físico do cenário, esforço-me a encontrar uma sonoridade, o bordado de uma entonação que findarão por definir uma prosódia e um estilo. Passam-me pela cabeça informações de todo gênero: o sexo e a idade dos personagens, a sua classe social, o lugar, o contexto histórico, etc. Mas é a familiaridade com o tom de cada um deles, com a sua maneira de dizer, que vai determinar as mais graves decisões: caberá aqui um "oi", um "olá", um "bom-dia" ou um "como vai"? Este "senhor" é um "senhor" ou seria apenas um "você"?

Não se encontra na Prova trechos de retórica inspirada. Trata-se de acting theater, o que sob o olhar de Robert Lowell) - um poeta que tinha lá as suas dificuldades com a dramaturgia (cf. Poets and the theater) - a colocaria fora da companhia dos textos de literatura. Portanto, para ele, nestas manifestações, valeriam os personagens com as suas falas, movendo-se dentro da arquitetura de uma trama.

Para mim, vale muito o ambiente em que decorre a peça e por razões particularíssimas: durante quase quatro anos, quando eu tinha mais ou menos a idade de Hal, fiz como ele um doutorado na Universidade de Chicago. A casa e o jardim de Robert, a avenida Ellis e as diferenças entre o norte e o sul da cidade, são matéria viva da minha memória.

* Texto para o programa da peça A Prova.

A Prova evoca essa instituição peculiar que é a vida universitária americana: um meio recluso, que combina a realidade material pequeno burguesa - com as suas casas mal-entretidas ("... os móveis ficam estalando... Se a casa não fosse tão velha, nós teríamos um aquecimento central"), os seus lazeres baratos ("... primeiro cerveja, cerveja bem gelada e bem vagabunda...") - e o universo, extremamente competitivo, das grandes idéias e das grandes ambições.

Claire, uma das filhas de Robert, o matemático, foi ser yuppie em Nova York. Hal, que termina a duras penas a sua tese, vê-se ameaçado pela mediania de uma vida como professor, em uma universidade qualquer. Resta o embate entre Robert, Catherine e a Matemática, esta última também um personagem.

Robert foi o único que atingiu o supremo encontro com a ciência; o que provou o néctar dos grandes criadores. No caminho, saiu ferido, sucumbiu. Catherine a tudo assistiu. Durante a narrativa, ela confronta o fantasma do pai - e os fantasmas com os quais ele se debatia nessa fronteira, às vezes tênue, entre a fantasia fecunda e a brutalidade da loucura. É o seu rito de passagem e esta linha de tensão dramática é o que garante muito do interesse e do impacto causado pela Prova.

Quanto a mim, eu gostei de me demorar nos detalhes. Sobretudo naqueles trazidos à lembrança pelos quase-solilóquios de Robert, no seu breve momentos de lucidez e quando a realidade tinha a naturalidade e o frescor de uma paisagem:

Esta é uma época do ano em que você não quer estar preso a coisa alguma [...] Adoro Chicago em setembro. O céu é perfeito. Barcos no Lago. Os "Cubs" perdendo. O ar fresco, o sol ainda quente. ... com lufadas periódicas do vento ártico, para que você fique alerta, lembrando o inverno, já próximo. Os estudantes voltando, as livrarias cheias [...] os estudantes comprando livros [...] É uma maneira honesta de se passar uma tarde [...] Ah, eu gosto disso tudo [...] No momento, eu não estou fazendo muita coisa. Fica difícil, eventualmente. Eu sei, é um estereótipo. Mas é um estereótipo que termina sendo verdade, infelizmente... infelizmente para mim, infelizmente para você, infelizmente para todos nós.